

Carta semanal 12 (2018): As armas e os anseios do povo



Queridos amigos e amigas,

É difícil escrever sobre o que Israel está fazendo com o povo palestino em Gaza. Os sentimentos vão de raiva à tristeza, embora o que os palestinos precisam mais do que nunca agora é de solidariedade. Mais de cem palestinos foram mortos a sangue frio, enquanto milhares foram feridos – muitos deles mutilados vivos. Com total apoio dos Estados Unidos, Israel não se sente obrigado a fazer outra coisa senão ser brutal com os palestinos.

Quais opções estão diante dos israelenses? Eles deliberadamente anularam o acordo de dois estados anexando grande parte da Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Não há esperança para uma solução de um único estado: enquanto Israel insistir em sua ideologia sionista, não dará as boas-vindas aos palestinos que vivem dentro de Israel, que vivem nos territórios ocupados e vivem espalhados pelo mundo para serem cidadãos comuns. Estado secular. Gaza, com seus dois milhões de palestinos aprisionados por Israel, é apenas a parte mais impressionante dessa trama miserável de uma ocupação aparentemente interminável.

O único futuro possível para Israel – e, portanto, para os palestinos – é o Apartheid, onde o Estado conseguirá reprimir, com várias formas estruturadas de violência, os anseios dos palestinos ocupados. O tiroteio na fronteira de Gaza é chocante, certamente. Mas é apenas parte e parcela do que o romancista libanês Elias Khoury chama de “Naqba contínua”, a catástrofe que começou setenta anos atrás em 1948 e ainda persiste.

Durante anos, os palestinos foram instruídos a enfrentar através da resistência não-violenta renunciando a luta armada. Mas cada vez que os palestinos protestam sem armas (seja pelo boicote, pelo desinvestimento, pelo movimento de sanções ou pela desobediência civil), eles são tratados como terroristas. Vale a pena notar que uma criança palestina é morta a cada três dias desde 2000. Este é um genocídio em câmera lenta (sobre isso, por favor, leia o ensaio de 2014 do professor Nadera Shalhoub-Kevorkian, que você pode encontrar [aqui](#)). É isso ou um regime permanente de apartheid (sobre isso, por favor, leia a carta de demissão de 2017 por Rima Khalaf, ex-chefe da Comissão Econômica e Social da Ásia Ocidental da ONU, que você pode encontrar [aqui](#)).

À medida que os acontecimentos se desdobram na Palestina, lembro-me do grande poeta de Gaza, Mu'in Bseios, que certa vez cantou para o seu povo:

Se eu cair, camarada, na luta, tome o meu lugar. E olhe meus lábios enquanto eles detêm a loucura do vento. Eu não morri ... ainda estou chamando você além das minhas feridas. Soem seus tambores, para que todo o povo preste atenção a esse chamado e lute.



O governo israelense taxa os palestinos como terroristas. É fácil para eles lançar a palavra “ Hamas ” e tentar acabar com as negociações. Mais difícil para as pessoas leva-los a sério. Onde não há Hamas, como na Cisjordânia, os israelenses são implacáveis. Eles sabem que os americanos estão na retaguarda. A decisão de Trump de transferir a embaixada dos EUA para Jerusalém – contra o costume internacional – coloca de lado a pretensão dos Estados Unidos de ser um ator neutro. Ele apostou suas fichas no governo israelense. Nenhum palestino acredita agora que outro enviado americano possa encaminhar um acordo de paz. O fato de o embaixador dos EUA na ONU, Nikki Haley, ter saído do Conselho de Segurança, quando o enviado palestino começou a falar, é um sinal do total desprezo demonstrado por Washington aos palestinos.

Washington tem seus problemas em sua própria Guerra ao Terror. Uma eleição parlamentar no Iraque trouxe à tona uma coalizão de forças liderada por Muqtada al-Sadr, o Partido Comunista Iraquiano e outros grupos civis de esquerda. Entre os eleitos estava o homem que jogou os sapatos em George W. Bush. Mais a leste, no Afeganistão, o Taleban está ressurgindo e, mais uma vez, forçará o adiamento das eleições parlamentares naquele país. Os objetivos da guerra americana fracassaram em ambos os lados do Irã, nos dois países que experimentaram a escalada total do poder militar dos EUA. Enquanto isso, um trem chinês serpenteia da Mongólia até Teerã. Está carregando sementes de girassol. Nesse trem está o futuro.

Na Alternet, desta semana, tenho uma reportagem que vai do Afeganistão ao Irã, passando pelo Iraque e pela China. Faço uma análise da guerra contra o terror dos EUA. Você pode ler **aqui**. Sugere que uma das razões pelas quais as forças de Sadr e dos comunistas prevaleceram no Iraque é que elas falavam pela classe trabalhadora daquele belo, mas danificado, país.



O destino da classe trabalhadora é o que está na ordem do dia na África do Sul. Aqui, os trabalhadores negros

que constroem uma sociedade impossível de viver decentemente. A fome no campo é um problema importante, com trabalhadores negros vivendo em barracos em toda a região. Mas assim como sua fome, os anseios também não são satisfeitos, é claro. O povo fala abertamente sobre o apartheid econômico, que vem causando grandes prejuízos a suas vidas.

No domingo passado, o jornalista e escritor Richard Pithouse me levou para visitar a Ocupação Territorial Zikode em Germiston. Esta ocupação estava sendo feita pelo grupo local do Abahlali baseMjondolo. O assentamento ocupado tem o nome de Sbu Zikode, um líder da Abahlali, que eu havia visitado em Durban alguns meses atrás. Era uma manhã adorável, estar com pessoas que falavam com grande emoção sobre suas vidas e depois cantavam desafiadoramente quando a polícia se aproximava para despejá-las.

Você pode ler a minha história sobre a Ocupação da Zikode no Newsclick, **aqui**. Richard é o editor do New Frame, que será lançado em breve. Ele promete ser um canal de comunicação importante para notícias da África do Sul. Dois dos jornalistas da New Frame escreveram com paixão sobre essa profissão: **Dennis Webster** e **Nation Nyoka**. Estou ansioso para ler mais deles no New Frame. Quando ler minha reportagem, por favor, assista aos vídeos. Eles mostram a grande alegria que esses trabalhadores sentem em sua solidariedade mútua. Há amor e esperança aqui.

Mais um jornalista que escreverá para o New Frame, Niren Tolsi, tem um artigo de fazer inveja aos jornais *Main* e *Guardian* sobre o roubo de terras de pessoas comuns, terra que era usada para recreação de várias formas. Você pode ler a história de Niren **aqui**. Fico feliz em informar que Niren está escrevendo um livro para o LeftWord Books sobre criquete – nosso amor mútuo.

Essas histórias de roubo de trabalhadores comuns pela elite não devem ser consideradas particularidades sul-africanas. Vemos isso em todos os lugares, da Índia ao Brasil, da Tailândia ao México, do Japão aos Estados Unidos.



E assim, chegamos à Venezuela. Uma das grandes reformas do Movimento Bolivariano na Venezuela foi a tentativa de proteger a classe trabalhadora do roubo da elite e das dificuldades da vida. Projetos – conhecidos como Missões – de vários tipos foram criados para reforçar a capacidade da classe trabalhadora sobreviver e dar-lhes confiança para exigir um mundo diferente. No ano passado, Jeanette Charles – que é estudante de doutorado na Universidade Bolivariana (Caracas, Venezuela) e que trabalha com a Catedra Libre Africa – escreveu uma reportagem sobre a situação venezuelana, que você pode ler [aqui](#). Em sua reportagem, Charles oferece dados úteis para ser utilizados por aqueles que lutam para conseguir casas na África do Sul: a Grande Missão Habitacional Venezuelana, ela observa, chegou a 1.725.210 famílias que não tinham moradia. Agora, essas famílias vivem em moradias construídas em terras ociosas e imóveis desocupados, que são transformadas em “bairros populares com amplo espaço para desenvolvimento comunitário, agricultura urbana, produção socioeconômica e muito mais”. Um projeto habitacional em Caracas, ela observa, construiu “uma loja de moda voltada para jovens que projeta e vende fraldas reutilizáveis destinadas a compensar a escassez das famílias devido à guerra econômica”.

O conceito da “guerra econômica” contra a Venezuela está no centro do nosso Dossiê **Tricontinental**:

Instituto de Pesquisas Sociais sobre as eleições na Venezuela. Este é um dossiê escrito pelo nosso escritório em Buenos Aires. É uma obra importante. Você pode baixá-lo gratuitamente [aqui](#). A eleição na Venezuela ocorrerá no dia 20 de maio. É provável que o candidato bolivariano Nicolas Maduro vença. Mas também é provável que os Estados Unidos – e seus aliados – se recusem a reconhecer a eleição como justa.

A democracia não está em boa forma nos dias de hoje. A eleição em 2006 nos territórios palestinos trouxe uma vitória ao Hamas. O Ocidente não gostou do resultado, por isso não o aceitou. É o pano de fundo do massacre da semana passada. Há todas as razões pelas quais o Ocidente não gosta do resultado nas eleições parlamentares do Iraque. Certamente não vai gostar do resultado na Venezuela. A democracia só é celebrada quando os candidatos preferidos do Ocidente vencem. Caso contrário, é desacreditada.

O ponteiro ao redor do mundo move-se lentamente em direção aos anseios do povo invés das armas. Os poderosos não veem assim. Políticas para alimentar, vestir, abrigar e educar as pessoas do planeta não são populares entre os poderosos. Eles preferem bombardear e aprisionar as pessoas. Mas eles são anacrônicos. Os palestinos que marcharam até a cerca, os sul-africanos que investiram em suas estacas e os venezuelanos que se alinharão para votar têm ambições diferentes. Eles se espelham nas última linhas em *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon – “Para a Europa, para nós e para a humanidade, camaradas, precisamos virar uma nova página, precisamos elaborar novos conceitos e tentar estabelecer uma nova pessoa” (un homme neuf).

Cordialmente, Vijay.